

O União Esportiva de Alenquer

TEXTO DE
LUIZ ISMAELINO VALENTE [1]



“Permitam que, ciceroneada pela saudade, a minha curiosidade enverede pelas brumas do passado, desvendando aspectos salientes dos primórdios da vida unionista que, ao fim e ao cabo, são a própria alvorada da vida social e esportiva de Alenquer.

Transcorria o ano de 1917. O mundo vivia as agruras da I Grande Guerra Mundial. Os céus vastíssimos da Rússia vestiam-se de rubro e respiravam o aroma de uma ideologia que haveria de modificar o modo de vida de quase toda aquela extremidade do planeta.

Mas os céus de Alenquer eram límpidos. Na luz brilhante do sol resplandecia a paz. E a esperança pairava no verde das relvas e das ramagens que realçavam as belezas de uma vida quase campestre.

As copas das frondosas mangueiras do então Largo da Matriz abrigavam os sonhos e devaneios dos jovens alenquerenses que buscavam a sua proteção e lhes confiavam as suas confidências.

E, em uma dada noite da trezena da festividade de Santo Antônio, em junho desse ano, a inspiração, vestida de magia, deslizou pelos raios da lua, trazida pela brisa que abria caminho por entre a ramagem das mangueiras, espraiando-se sobre as cabeças dos jovens Manoel Cardoso, Sebastião Bentes, Senhorinho Batista e mais um quarto companheiro, redator do jornal O Alenquerense, cujo nome, infelizmente, se perdeu nos escaninhos da história.

Sim, aquele era um momento mágico e único: naquele preciso instante, sob as copas das mangueiras e o esplendor do luar, tendo por testemunhas as torres piramidais da Igreja Matriz, os quatro rapazes resolveram fundar um clube de football (também chamado soccer) o esporte bretão que conquistara o Brasil.

Como soe acontecer nas horas de emoção febril, naquela mesma noite enluarada os quatro companheiros decidiram logo passar um telegrama ao team (time) do Tapajós Esporte Clube, de Santarém, desafiando-o para uma partida ou peleja.

Só quando a agremiação santarena respondeu ao telegrama, aceitando o desafio, é que os quatro rapazes deram-se conta da

temeridade da atitude: o clube não tinha nome, não tinha estatutos, não tinha diretoria, não tinha time formado, não dispunha ao menos de uniforme...

O inusitado da situação talvez justifique o fato dos fundadores do clube não terem sequer guardado a data exata em que tiveram a luminosa idéia de fundar uma agremiação esportiva em Alenquer.

A falha, entretanto, foi logo sanada, em parte, pelo intendente Francisco Bentes Monteiro, que ofertou, em nome da municipalidade, o primeiro uniforme do primeiro clube alenquerense, nas cores azul e branca, trazendo, à altura do peito esquerdo, um escudo com as iniciais do seu nome escolhido às pressas: “AE” (Alenquer Esporte).

No dia 1º de julho de 1917, formando com Joaquim Monteiro (goleiro), Esteliano Homem e Edgard Guimarães (zagueiros), Roxinho, Pequeno e Eloy Monteiro (meio-de-campo), e mais Heriberto Batista, Almachio Homem, Pelaió Gentil (irmão de Favilla Gentil), Antonico Bentes e Lulu Monteiro (linha de ataque), o Alenquer Esporte derrotou a equipe mocronga pelo escore de 1 x 0, com o gol sensacional do endiabrado ponta-esquerda Lulu Monteiro.

Essa foi a primeira partida oficial de futebol realizada em Alenquer, e, por isso mesmo, segundo Manoel Cardoso, a data de 1º de julho de 1917 passou a ser considerada como a da fundação do Alenquer Esporte.

No final do mesmo mês de julho, o Alenquer Esporte derrotou a equipe de Óbidos, em pleno gramado obidense, também por 1 x 0, com o gol novamente assinalado por Ludgero Burlamaqui Monteiro, o Lulu Monteiro, que logo despontou como o artilheiro do clube.

O sucesso retumbante ferveu no sangue dos desportistas alenquerenses. Com o correr dos anos, tal como a mangueira sob a qual nasceu, o Alenquer Esporte assentou raízes mais profundas, e, em 1923, organizou-se oficial e legalmente, com estatuto e tudo, com o nome de União Esportiva, sugerido por um dos seus quatro fundadores, o senhor Manoel Cardoso, hoje Sócio Benemérito mais antigo do clube.

Como o clube não tinha sede, foi graças ao apoio de Arlindo Burlamaqui que os jovens unionistas puderam reunir-se, com freqüência, na sua residência, situada na então Avenida República, atual Getúlio Vargas, mais conhecida como Rua da Frente [V. nota 2, no final do texto].

Com a eleição da primeira diretoria efetiva, o União passou a ter a sua sede própria, em caráter provisório, na casa do seu primeiro presidente oficial, Colombiano Marvão, que então residia na Rua Siqueira Campos, depois 1º de Maio e atualmente Coaracy Nunes [V. nota 3, ao final do texto). Colombiano, ressalte-se, nessa época ainda não morava no belo casarão que mais tarde serviria de lar para sua família, na Rua da Frente.

Da primeira diretoria oficial do União Esportiva faziam parte: Colombiano Marvão (presidente); Sebastião Bentes (vice-presidente), Onésimo Arouche (tesoureiro), Shalon Dahan (secretário), Manoel Cardoso (diretor de esportes) e Antonico Dias (diretor de sede).

Escolhida a data de 7 de setembro de 1923 para a posse festiva da primeira diretoria oficial do União Esportiva, este teve o dissabor de sofrer, na tarde do mesmo dia, uma derrota acachapante, por 5 x 0, para o Internacional Esporte Clube, recém-fundado pelo intendente Arnaldo Pereira de Moraes, no primeiro jogo oficial realizado entre equipes da terra.

O segundo encontro entre o União e o Internacional ainda foi um revés para a equipe unionista, que perdeu o jogo pela contagem mínima de 1 x 0.

A mocidade alviceleste, porém, não esmoreceu. No dia 3 de janeiro de 1924, data do aniversário do intendente fundador do Internacional, a equipe unionista vingou-se das duas derrotas anteriores, goleando o rival pelo elevado escore de 12 x 0, decretando, com isso, o melancólico fim do Internacional Esporte Clube, que logo foi dissolvido.

(Aqui se impõe um necessário parêntesis: não se deve confundir o Internacional Esporte Clube com o Esporte Clube Internacional, fundado muitos anos mais tarde, aliás como uma dissidência do União Esportiva, supostamente porque, segundo versão corrente, os atletas que defendiam o clube nos campos de futebol não podiam participar dos bailes realizados em sua sede social).

Reinando praticamente sozinho, o União Esportiva teve uma vida social florescente. Já em 1924, a agremiação transferiu sua sede, ainda em caráter provisório, para uma casa à esquina da Rua Siqueira Campos com a Travessa Tenente Simões, e, em 1926, adquiriu sua sede própria e

definitiva, na mesma Rua Siqueira Campos (atual Coracay Nunes), onde permanece até hoje [V. nota 4, no final do texto].

Contando com homens de extraordinária visão social (como o coronel Francisco Bentes Monteiro, o agrimensor Amadeu Burlamaqui Simões, Heriberto Marques Batista, Manoel Cardoso e Ludgero Burlamaqui Monteiro, o famoso Lulu Monteiro, primeiro artilheiro do clube), o União caminhou sempre para adiante, vivendo uma fase de grande esplendor na década de 1928 a 1938, cujo auge se verificou no quinquênio de 1930 a 1935, época em que já haviam regressado a Alenquer, depois de formados na capital, os estudantes de então, dentre os quais se destacou, como apaixonado unionista, o cirurgião-dentista Inácio Simões, carinhosamente chamado Dr. Inacinho.

Para o brilho dessa fase muito contribuiu também o apoio do professor Manoel Quintela Júnior, que sucedeu, no comando da municipalidade, Ezequiel Diniz Mescouto, o primeiro prefeito de Alenquer nomeado pela Revolução de 1930.

Em sua fase áurea, o União incentivou as mais diversas modalidades do esporte.

No futebol, criou duas equipes, o Clube do Remo e o Paysandu, que disputavam entre si, embora fossem todos unionistas, pois o clube, desde a dissolução do Internacional, não tinha adversários no esporte-rei.

Dentre os ídolos dessa época, destacar alguns nomes seria injusto, pelo risco da omissão. Mais injusto, entretanto, seria deixar de mencionar os atletas Joaquim Bentes Monteiro, Antônio Rosas, José Alves de Souza, Joaquim de Oliveira Martins, Osmar Araújo e Benedito Nacly Abenassif, todos famosos goleiros, e mais os irmãos Rosy Batista, Luiz Batista, Raimundo Batista, além de Theodorico Bentes, José Rafael Valente, Aníbal Barile (Atico), Aristóteles Barile (Arico) e Francisco Bentes Monteiro Filho (o popular Chiquito Bentes, beque de garra, hoje juiz de Direito em exercício da comarca de Alenquer), sem olvidar, é claro, Generalino Simões, o famoso General, exímio contrabaixista e genial driblador, cujos lances infernais ainda são lembrados pelos seus contemporâneos.

Nessa mesma época, o União Esportiva também incentivou os esportes náuticos, promovendo acirradíssimos campeonatos de remo, nas modalidades feminina e masculina, no rio Surubiú, margeando a cidade,

nos quais se celebrizaram as canoas Boa Vista, do coronel Francisco Bentes Monteiro, e Ximanga, de Theodósio Batista Bentes Valente, o seu Dudu.

Guttemberg Senna, certa vez, numa bem humorada e irônica marchinha carnavalesca, definiu o União Esportiva como um “clube nobre” (“O União é nobre / O Arranca-toco é pobre / E por ser pobre / Vai chegando devagar...”). Era natural, portanto, que o União se dedicasse ao “esporte dos nobres”, ou seja, a equitação.

Sob sua chancela, disputaram corridas no prado em frente à cidade cavalos célebres como o Carrasco, da fazenda Santa Cruz; o Argus, de José dos Santos Ferreira; o Ipanema, de Benedito Peres Júnior, e, numa fase posterior, o Águia Branca, de Bené Monteiro; o Jacuruxi, de Tideu Araújo; o Cicisca, de Miguel Ferreira, e o Príncipe, de José Firmino Simões.

Tudo isso, sem contar, naturalmente, com as danças de salão em sua sede social, sempre concorridíssimas, quer pela quantidade numerosa de moças e rapazes da sociedade alenquerense, quer pela animação dos bailes carnavalescos em que se destacavam as belas marchinhas compostas por Guttemberg Senna.”



O texto acima foi extraído do discurso proferido, no dia 31 de dezembro de 1968, na velha sede do União Esportiva, à Rua Coaracy Nunes, pelo então acadêmico de Direito Luiz Ismaelino Valente, convidado a saudar a diretoria empossada nessa data, da qual faziam parte Antônio Vallinoto Filho, Raimundo de Souza Tavares, Tércio Tavares Barile, José Carvalho de Mattos, Fernando Antônio Santos de Sousa, Reinaldo Paiva, Francisco Ferreira Lima (presidente da diretoria) e José Rafael Valente (presidente da Assembléia Geral). A posse desses dirigentes marcou a reabertura da sede social do União Esportiva, que passara vários anos fechada [V. a foto na página a seguir].



Os dados históricos constantes do discurso basearam-se nos depoimentos prestados ao orador, uma semana antes do Réveillon de 1968, por Manoel Cardoso (então com 85 anos de idade, único remanescente dos quatro fundadores do clube, do qual era o mais antigo Sócio Benemérito), Theodósio Baptista Bentes Valente, o seu Dudu (avô do orador e “testemunha ocular da história de Alenquer”, que, em 1968, contava 87 anos de idade, vindo a falecer em 1975, aos 94 anos, inteiramente lúcido) e José Rafael Valente, pai do autor deste ligeiro bosquejo histórico (na época, contava apenas 56 anos, jogou na zaga do Clube do Remo, uma das equipas do União Esportiva, e faleceu em 1996, aos 84 anos de idade).

Ao remexer meus arquivos, de repente dei-me conta da importância histórica desse discurso baseado no testemunho de três ilustres alenquerenses e grandes unionistas que infelizmente não mais estão entre nós.



Anos mais tarde, no biênio 1974-1976, já exercendo a advocacia em Alenquer, convidado por meu sogro Ivan da Silva Nunes e pelo Dr. José Jorge Hage, tive a honra de integrar a diretoria que iniciou a construção da nova e atual sede social do União Esportiva à Rua Rosomiro Batista (ao lado do Grupo Escolar Fulgêncio Simões), assim constituída:

ASSEMBLÉIA GERAL:

Presidente: José Megale; Vice-presidente: Rivail Araújo Figueiredo; Secretário: Emanuel do Carmo Bentes (que depois adoeceu e foi substituído por Francisco Ferreira Lima); Membros: Raimundo Canuto de Sena e Nicolau Victor Cióffi.

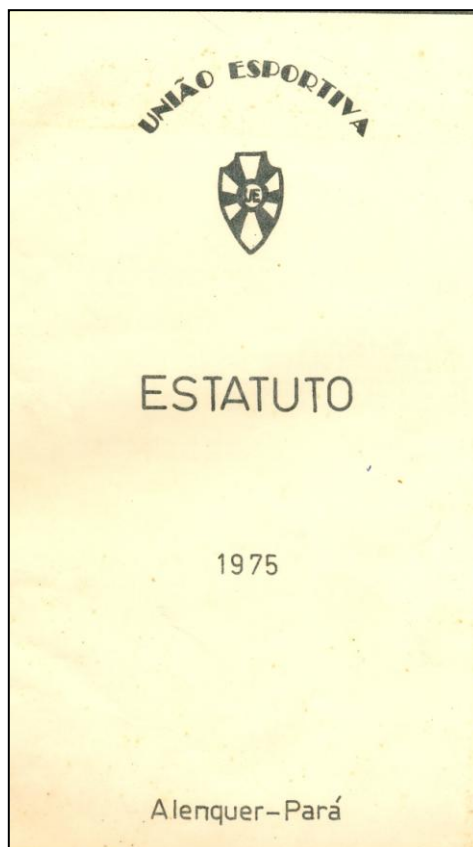
DIRETORIA:

Presidente: Dr. José Jorge Hage; 1º Vice-presidente: Dr. José de Jesus Lima Monteiro; 2º Vice-presidente: Ivan da Silva Nunes; 1º Secretário: Dr. Luiz Ismaelino Valente; 2º Secretário: Dr. Juarez Antônio Silva de Brito; 1ª Tesoureira: Dra. Rosinha Maria Peroni; 2º Tesoureiro: Antônio Vallinoto Filho (que também adoeceu e foi substituído por Waldomiro Yared); Diretores Sociais: Maurício da Rocha Sena, Carino Simões Filho e José Hito; Orador Oficial: Antônio Aldo Arrais.

DEPARTAMENTO FEMININO:

Presidente: Zulma Simões de Macedo; 1ª Vice-presidente: Vilma Pereira Nunes; 2ª Vice-presidente: Ana Simões Hage; 1ª Secretária: Adnice de Siqueira Simões; 2ª Secretária: Luiza Marques da Cunha; 1ª Tesoureira: Sofia Moisés Yared; 2ª Tesoureira: Ana Monteiro Yared; Diretoras Sociais: Maria José Salomão, Maria do Carmo Souza e Irley Gantuss Colares; Oradora Oficial: Neuma Carolina Nunes Valente.

Em 25/03/1975, a Assembléia Geral do União Esportiva aprovou, por unanimidade de votos, o seu novo Estatuto (foto ao lado), cujo projeto foi inteiramente escrito pelo autor destas linhas (com duas



emendas apresentadas por José Jorge Hage e Antônio Aldo Arrais), sendo, em seguida, registrado às fls. 115 a 120/verso, do Livro B-08, sob o número de ordem 2.062, do Cartório do 2º Ofício da Comarca de Alenquer, em 18/04/1975.

Na sua apresentação, esse Estatuto exibia o dístico de autoria de Quintino Bocaiuyva, adotado como lema do clube: “O nosso passado responde pelo nosso presente. E o nosso presente há de ser a justificação do nosso futuro.”

No Réveillon de 1975, o União Esportiva abriu, pela primeira vez, para os seus associados, o salão da nova sede social. Para que isso acontecesse, foi decisiva a ajuda material obtida pela garra e persistência do presidente José Jorge Hage junto aos governadores Fernando José de Leão Guilhon e Aloysio da Costa Chaves.

Nessa festa magna, a nova sede unionista ainda não estava concluída: suas paredes ainda mostravam os tijolos brutos (foto abaixo), sem nenhum reboco ou pintura, mas já refletindo, sem nenhuma dúvida, todas as vitórias e conquistas do clube que, então, completava 58 anos de fundação.



Hoje, 91 anos depois de fundado, o União Esportiva não somente é a mais antiga, como também é a mais sólida agremiação esportiva e social de Alenquer, caminhando, firme e forte, rumo ao seu centenário que ocorrerá daqui a nove anos, em 1º de julho de 2017.

Belém, 1º de julho de 2008.

Pots-Scriptum

NOTAS DO AUTOR:

[1] Luiz Ismaelino Valente recebeu o título de Sócio Benemérito do União Esportiva, outorgado pela Assembléia Geral, em 15 de agosto de 1977, já quando exercia o cargo de Promotor de Justiça da comarca de Oriximiná.

[2] A antiga Avenida Getúlio Vargas (outrora Rua da Praia, depois Avenida República, mais tarde conhecida como Rua da Frente, ou, mais precisamente, no dialeto chimango, *Rodafrente* – v. *Glossário do Falar Popular Alenquerense*, de Daniel Nascimento e Roberto Mesquita, pág. 219) hoje se chama Avenida Benedicto Monteiro, em homenagem ao autor do célebre romance Verde Vagomundo.

[3] A vetusta Rua Siqueira Campos (depois chamada Rua 1º de Maio) atualmente se chama Rua Coaracy Nunes.

[4] A velha Travessa Tenente Simões (homenagem ao Tenente Antônio Firmino Simões, pais de Fulgêncio Simões, segundo testemunho deste autor à pág. 43, nota 34, do livro *Município de Alenquer*, e depois batizada como Travessa Ascendino Monteiro Nunes) hoje tem o nome de Travessa Antônio Mesquita de Souza.

